

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO-FACED
CURSO DE PEDAGOGIA

LIRIA MARIA FUHR

O PROCESSO RELACIONAL ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO

Porto Alegre

2010

LIRIA MARIA FUHR

O PROCESSO RELACIONAL ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACHED/UFRGS.

Orientador(a): Luiz Carlos Bombassaro.
Tutora: Celi Lutz

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, que colocou em minha vida pessoas significativas, que transformaram as difíceis situações em desafios a serem superados com determinação e aprendizado; fazendo com que a verdadeira amizade demonstra ser de fato o diferencial na relação interpessoal.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e força que representa em minha vida estando presente durante os desafios da caminhada.

Aos meus familiares, em especial minhas filhas que sempre me encorajaram, acreditando em mim e a quem retribuo tanto amor recebido.

Aos meus professores que dividiram seus conhecimentos com responsabilidade, em especial ao meu orientador Luiz Carlos Bombassaro e a tutora Celi Lutz, que com competência transformaram estes momentos em grandiosos saberes.

A todos aqueles que direta, ou indiretamente, me ajudaram na concretização desse trabalho.

Quero um dia, dizer às pessoas que nada foi em vão...
Que o amor existe, que vale a pena se doar às amizades
e às pessoas, que a vida é bela sim e que eu sempre dei
o melhor de mim... e que valeu a pena.”

Mário Quintana

RESUMO

Este trabalho objetiva mostrar que a aprendizagem pode ocorrer de maneira mais significativa a partir do momento em que o desejo de aprender e de ensinar passa a fazer parte do processo. Quando há a existência de vínculos entre o professor e o aluno criando expectativas, despertando a curiosidade para tornar o ensino e o aprendizado mais prazeroso e eficaz. Propõe-se fazer perceber na relação entre professor e aluno o significado da escuta, uma vez que ambos precisam fazer ser ouvidos no processo de ensinar e aprender. Como a aprendizagem acontece na relação com o outro é preciso à existência de vínculos afetivos e a criação de laços. Os vínculos entre aquele que ensina e aquele que aprende aparecem fortificados na pesquisa realizada na medida em que se estabelece uma relação de confiança, de parceria e passam a dar resultados no desempenho do aluno. Considera que as características pessoais e profissionais do professor têm uma importante relevância na relação interpessoal deste com o aluno, tanto para a aprendizagem em sala de aula quanto para o sucesso do rendimento escolar. E nessa constituição, o afeto é o vínculo, a ponte que pode ligar o educador ao educando, facilitando a aprendizagem. Este trabalho foi desenvolvido com um enfoque qualitativo e de cunho bibliográfico em que, por meio desta metodologia, compreendi as relações sociais que indicam a trajetória da relação professor e aluno tendo como ponto fundamental a questão da relação professor e aluno na formação do aluno e sua vinculação com o processo educacional. Através da pesquisa, observei que a relação professor e aluno, a afetividade e a educação é um desafio para aprendizagem significativa e consiste num processo de educação para a vida, numa parceria entre professor, aluno, família e comunidade, grupos sociais tão importantes no sucesso da aprendizagem do aluno. Confirmando desta forma, que o funcionamento psíquico humano não é composto somente da dimensão cognitiva, mas, também, pela dimensão fundamental da sua existência afetiva. Nesta perspectiva verifiquei que afetividade e educação estão intrinsecamente ligadas na aprendizagem.

PALAVRAS- CHAVES: Afetividade, aprendizagem, relação, professor e aluno.

ABSTRACT

This study aims to show that learning can occur more significantly from the time when the desire to learn and teach becomes part of the process. When there is the existence of links between the teacher and student by creating expectations, arousing the curiosity to make teaching and learning more enjoyable and effective. It is proposed to realize the relationship between teacher and student the significance of listening, since both need to be heard in the process of teaching and learning. How learning happens in relationship with others is necessary to the existence of affective ties and the establishment of ties. The ties between the one who teaches and who learns fortified appear in the survey in that it establishes a trust, partnership and begin to yield results in student achievement. Considers that the personal and professional characteristics of the teacher have an important relevance in this interpersonal relationship with the student, both for learning in the classroom and for successful school performance. And this constitution, the affect is the link, the bridge that can connect the educator to the student, facilitating learning. This study was conducted with a qualitative approach and a bibliographic in which, through this methodology, understand the social relations that indicate the trajectory of the relationship between teacher and student having as fundamental the question of the relationship between teacher and student in the education of students and their linkages with the educational process. Through research, I noticed that the relationship between teacher and student, affection and education is a significant challenge for learning and is a process of education for life, a partnership between teacher, student, family and community, social groups as important in the success of student learning. Thus confirming that the human psychological functioning is not composed only of the cognitive dimension, but also the fundamental dimension of existence affective. From this perspective I found that affection and education are intrinsically linked to learning.

KEY WORDS: Affection, learning, relationship, teacher and student.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	13
2 A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	15
3 A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO DURANTE O ESTÁGIO	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada a partir do tema, “O processo relacional entre o professor e o aluno”, onde se buscou entender como as relações estabelecidas entre um e outro influenciam na aprendizagem significativa do aluno, razão pela qual recaiu sobre este o problema da pesquisa.

Através do objetivo geral que pretendeu identificar como as relações estabelecidas entre o professor e o aluno influenciam na aprendizagem significativa do aluno, e também a partir dos objetivos específicos que buscavam analisar o processo de aprendizagem dos educandos nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais, identificando o papel do professor neste processo e verificar as relações estabelecidas entre o professor e o aluno e como estas influenciam na aprendizagem, foi possível realizar esta pesquisa.

Muito se tem falado a respeito do papel da escola e da educação em geral, como uma forma de garantir às crianças brasileiras melhores condições de vida futura. Recae sobre a escola grandes responsabilidades, entre elas o pleno desenvolvimento do educando, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, além dos requisitos mínimos do Ensino Fundamental, como o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo, segundo o que rege a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, no seu artigo 32.

Segundo o Relatório “Jacques Delors – Educação um tesouro a descobrir”, os pilares que devem sustentar a educação no século XXI “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser” (Delors, in Farfus, 2008, p.66) devem nortear os processos educativos brasileiros, juntamente com a LDB 9394/96 constituem um grande desafio para educação atualmente.

Além de propiciar conhecimento, a escola deve formar o indivíduo para uma sociedade em constante transformação, tornando-o apto a viver com o outro, respeitando as diferenças e convivendo em uma sociedade democrática, e ainda, é fundamental que este indivíduo torne-se capaz de elaborar pensamentos críticos, formular seus próprios juízos de valor, desenvolvendo seus sentimentos e sociabilidade, tornando-se autônomo para construir de forma coerente o seu próprio projeto de vida.

Em meio a tantos desafios nesta realidade complexa, onde o universo da sala de aula apresenta alunos que trazem a sua própria bagagem histórica, cultural e emocional, encontramos o professor, que sem sombra de dúvidas, junto com seus alunos, torna-se um ator importantíssimo no cenário educacional. Afinal, qual é o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem? De que forma as relações estabelecidas entre o professor e o aluno influenciam não somente na aquisição do conhecimento, mas também no desenvolvimento das várias habilidades, já anteriormente apontadas, e que o tornarão este ser autônomo, criativo e o cidadão que a Lei preconiza?

Segundo os estudos realizados por Lev Vygotsky, aprendizagem decorre da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade. “Na ausência do outro, o homem não se constroi homem.” (Nova Escola, 2008,p.92).

Segundo a teoria de Vygotsky, conforme a citação acima, um dos conceitos-chave é a mediação. Todo aprendizado é necessariamente mediado, o que torna o papel do professor mais ativo e determinante do que nas teorias de Jean Piaget, que acredita que educar é estimular a procura do conhecimento, que se dará por descobertas que a própria criança fará. Na teoria piagetiana, o conhecimento é construído pelo aluno, através das suas interações com o objeto.

Ainda, segundo a teoria vygostkyana, o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por outra pessoa, e na escola, esta outra pessoa mais diretamente, é o professor ou os próprios pares das crianças.

Então é legítimo perguntar qual o tipo de relação existente entre o adulto (professor) e a criança (aluno), e como os aspectos afetivos e emocionais presentes nesta relação podem influenciar na aprendizagem?

Pode-se observar na prática cotidiana, que as interações estabelecidas entre professor e aluno favorecem ou desfavorecem a aquisição da aprendizagem, dependendo da qualidade destas interações. Sabe-se, olhando para fatos de nossa história particular, como certos professores deixaram marcas positivas ou negativas em nossa memória, e porque não dizer, em nossa “simpatia” por determinado conteúdo ou disciplina (entenda-se por matéria: português, matemática, inglês, etc.). Como é possível, em um ano, o aluno “detestar” uma disciplina e no outro ter prazer em aprendê-la? É evidente, que não há somente um lado na mesma moeda, porém é inegável que certos educadores estabelecem relações de simpatia, amor e diálogo com seus alunos, propiciando um ambiente favorável à aprendizagem, à tolerância e

uma cultura de respeito mútuo e afetividade, enquanto outros professores não conseguem estabelecer este tipo de relações com seus alunos, priorizando práticas educativas autoritárias e distantes. Observa-se também, que o mesmo professor pode despertar, em alunos diferentes, sentimentos e emoções diversas, cabendo então outro tipo de reflexão, onde é possível encontrar transferências de sentimentos entre aluno e professor e vice-versa.

Na sociedade contemporânea, a figura do professor encontra-se desvalorizada, e este por sua vez está desmotivado. Os baixos salários, o excesso de trabalho acarretado por uma jornada, na maioria das vezes dupla ou tripla, as poucas condições de trabalho e o descaso e a indisciplina dos alunos ferem a dignidade e o orgulho do “ser professor”. No entanto, apesar de tantos percalços, faz-se necessário refletir sobre o papel deste profissional e das relações estabelecidas entre ele e seus alunos e das conseqüências destas relações no processo de ensino e aprendizagem. Sabemos que as dificuldades pelas quais passam o professor influenciam nas suas relações com seus alunos, e estas, conseqüentemente, podem interferir no processo de ensino e aprendizagem, pois um profissional desmotivado, e muitas vezes cansado, com falta de tempo e vontade em realizar um bom planejamento e dedicar-se com afinco durante as aulas, compromete a relação estabelecida com os alunos, e conseqüentemente a aprendizagem dos educandos. É urgente que o professor se torne agente de transformação, não somente do cenário educacional em que está inserido, mas muito prioritariamente do entendimento da sua gigante importância na aprendizagem, e porque não dizer, na vida de seus alunos. Somente o professor, e somente ele, será capaz de tomar as rédeas de sua própria vida nas mãos, e promover uma autovalorização de seu papel na sociedade, entendendo, que é por ele, por suas mãos, cabeça e coração que passam e já passaram todos os médicos, jornalistas, psicólogos, pedreiros, floristas, costureiras, advogados, juízes, padres, pastores, mãe e pais desta mesma sociedade, e que é pelas ações, sentimentos, reflexões e fazer pedagógico do professor que a maioria dos profissionais constituíram-se nos seres humanos que são.

Sendo o professor um protagonista em sala de aula, tendo nos alunos, não atores coadjuvantes, mas igualmente protagonistas, e percebendo a realidade educacional brasileira que necessita urgentemente de avanços qualitativos em seu sistema, o tema desta pesquisa é plenamente justificado, já que as relações entre o

professor e aluno são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem. Percebo que esta pesquisa contribuiu muito para a minha formação como Pedagoga e também para a Educação em geral, pois investigou como as relações estabelecidas entre o professor e o aluno influenciam na aprendizagem significativa do aluno.

Esta pesquisa está apoiada nos estudos realizados por Lev Vygotsky, cuja teoria sociointeracionista apresenta a importância das relações estabelecidas entre o sujeito da aprendizagem com o grupo social que o cerca, e a não menos importante mediação realizada pelo sujeito “ensinante” para com o sujeito “aprendente”. As percepções de Alicia Fernandez, na área psicopedagógica, bem como o olhar de Gabriel Chalita e de Paulo Freire sobre a educação complementam esta investigação.

1 A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O desenvolvimento humano não está pautado somente em aspectos cognitivos, mas também e, principalmente, em aspectos afetivos. Assim, a sala de aula é um grande laboratório para que se observe e questione os motivos que levam o convívio escolar do professor e aluno.

Inúmeros estudos tem mostrado a importância dos investimentos afetivos vividos pelos professores em suas salas de aula.

Os estudos realizados por Vygostky e seus seguidores enfatizam a importância da interação professor e aluno na construção do conhecimento. O papel do professor é o de mediador, facilitador, que interage com os alunos através da linguagem num processo dialógico.

Teóricos da educação, educadores e autores tratam a relação professor e aluno como fator preponderante para a construção do autoconceito do aluno. Ela vem sendo abordada com mais intensidade, porque a violência, a agressividade e o desrespeito vividos hoje pela maioria das pessoas podem ter causas de fundo afetivo, por conta da falta de valorização da pessoa como ser humano. Desta forma, inevitavelmente, seu autoconceito é alterado.

Oliveira (1998) aborda as ideias de Vygostky que sempre se preocupou com o aprendizado inserido no desenvolvimento sócio-histórico da pessoa como um processo que apresenta diferentes fases que estão interligadas entre si. Independentemente da fase que esteja vivendo, o ser humano está convivendo com grupos diversificados de pessoas que, contribuem a todo o momento com a construção de sua autoestima.

Desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina tornam-se conquistas significativas para professor e aluno.

O aluno não pode, jamais, ser visto como um mero receptor. Ele pensa, sente, vive, tem dúvidas e hipóteses sobre o objeto do conhecimento. E mais: vive, pensa, sente dentro de uma determinada realidade de dinâmica, de um mundo em eterna transformação.

Como se pode ver, a escola é parte integrante e fundamental em uma sociedade. Portanto, apropriar-se de pensamentos de teóricos como Vygostky,

Freire, Fernandez, Chalita, Piaget e tantos outros que embasam as ações pedagógicas e transformam a relação professor e aluno em um momento mais rico no processo de ensino e aprendizagem.

Para Oliveira (1998), o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, e determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará e, na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo, que se desenvolvem paralelamente.

Depois de tudo que foi exposto, vale ressaltar que o professor deve amar o ser humano, gostar de lidar com gente, acreditar na vida e na capacidade ilimitada do crescimento mútuo dentro da relação professor e aluno.

Enfim, pensar em educação significa também preocupar-se com a construção e organização da dimensão afetiva das pessoas, afinal a escola, para cumprir seu papel, deve ser um lugar de vida e, sobretudo, de sucesso e realização pessoal para alunos e professores. A experiência entre professor e aluno promove o ser, reduz a angústia, facilita os acertos da vida, conduzindo-os a vencer desafios da afetividade e educação na conquista da aprendizagem significativa.

Para Freire (2009, p. 141), a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

2 A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

As relações presentes no cotidiano escolar entre professor e aluno, os diferentes fazeres pedagógicos do professor e a gama de emoções que perpassam todo processo de ensino e aprendizagem fornecem pistas para entendermos a sua importância na aquisição do conhecimento e apresentam-se como um diferencial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social do educando.

Segundo Lev Vygotsky, o ser humano é um ser essencialmente social, como podemos constatar em Rego (1995, p.70, 71):

...atribui uma enorme importância à dimensão social, que fornece instrumentos e símbolos (assim como todos os elementos presentes no ambiente humano impregnados de significado cultural) que medeiam a relação do indivíduo com o mundo, e que acabam por fornecer também seus mecanismos psicológicos e formas de agir nesse mundo... Portanto, o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua espécie.

De acordo com a teoria vygostkyana, o indivíduo para desenvolver-se plenamente, necessita estar inserido em um grupo cultural, ou seja, na família, escola, sociedade. É deste grupo cultural que nasce o conhecimento que o aluno já traz consigo ao vir para a escola, pois nenhum aluno chega ao ambiente escolar como um carrinho vazio, sem nenhum conhecimento. Este conhecimento do mundo que o cerca, estas condições prévias de aprendizagem, Vygotsky denomina de zona de desenvolvimento real ou efetivo. Esta zona de desenvolvimento real pode ser entendida como aquele conhecimento que já está consolidado na criança, que ela já aprendeu e domina, e já consegue utilizar sozinha, sem ajuda de outro mais experiente que ela, seja este outro, o pai, a mãe, o professor ou mesmo, outra criança.

O outro nível de conhecimento é denominado por Vygotsky como zona de conhecimento potencial, que se refere ao que a criança é capaz de fazer, só que mediante a ajuda de outra pessoa, que pode ser outro adulto ou outra criança. Conforme Rego (1995, p.73):

Nesse caso, a criança realiza tarefas e soluciona problemas através do diálogo, da colaboração, da imitação, da experiência compartilhada e das pistas que lhe são fornecidas. Como, por exemplo, uma criança de cinco anos pode não conseguir, numa primeira vez, montar sozinha um quebra-cabeças que tenha muitas peças, mas com a assistência de seu irmão mais velho ou mesmo de uma criança de sua idade, mas que já tenha experiência neste jogo, pode realizar a tarefa. Este nível é, para Vygostky, bem mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que ela consegue fazer sozinha.

Entre a zona de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento potencial existe uma distância, a qual Vygostky chamou de zona de desenvolvimento proximal. A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram completamente na criança, e que para amadurecerem necessitam de interferência, da mediação de outra pessoa. Ainda, segundo Rego (1995, p. 74):

O aprendizado é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, na medida em que, em interação com outras pessoas, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem a ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer. Esses processos se internalizam e passam a fazer parte das aquisições do seu desenvolvimento individual. É por isso que Vygostky afirma que aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã, ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã.

Diante disso, o professor é o mediador quando se trata do espaço escolar. Para isso é necessário a formação de professores apaixonados por sua tarefa, éticos e comprometidos com a construção de uma nova sociedade. Esta nova sociedade deve ser de Paz e Amor, onde o professor e aluno devem andar de braços dados para a formação desta nova sociedade. Portanto, durante o processo de ensino e aprendizagem, o professor é o mediador entre aquilo que a criança já sabe (zona de desenvolvimento real), e aquilo que a criança ainda não sabe (zona de desenvolvimento potencial), e da forma como ela é conduzida, pode-se perceber a importância que a relação professor e aluno adquire na construção da aprendizagem.

A proximidade entre professor e aluno é fundamental para a aprendizagem do aluno. Ao existir um relacionamento humano mais próximo e autêntico manifestado no interesse do professor em contribuir com a aprendizagem dos seus alunos e entender o seu mundo, o ambiente escolar se torna mais natural e os

alunos sentem-se mais à vontade para contar com o professor na mediação do seu processo de aprendizagem.

Esta relação de professor e aluno vai além de um sentimento de simpatia e ternura. É um compromisso e responsabilidade para a promoção do bem comum que se dá em comunhão de atitude. Esta união de atitudes deve transformar-se em valores. Tanto professor como aluno precisam resgatar os valores que ajudam o bom convívio humano, como a solidariedade, o respeito ao diferente, da preservação do planeta, da valorização da vida, entre outros, considerados vitais nos tempos atuais.

Segundo Paulo Freire (2009, p.10):

E a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando.

A intervenção do professor, no processo de ensino e aprendizagem é fundamental para a aquisição do conhecimento. Porém, sabe-se que a qualidade desta intervenção será determinante na elaboração cognitiva, emocional e até social do indivíduo. Professores autoritários, impacientes ou mesmo, agressivos, poderão transformar a mediação num processo doloroso e negativo. Segundo Alicia Fernandez (1990, p.28):

Tudo começa na triangulação do primeiro olhar. No primeiro momento, a mãe ou seu equivalente busca os olhos da criança e a criança busca os seus olhos; aqui há um encontro necessário para que haja aprendizagem, mas logo a mãe olha para o outro lado, objeto ou pessoa, e seu filho também desvia o olhar para esse mesmo lado. Seus olhares encontram-se em um objeto comum, objeto de reencontro, quer dizer, desses olhos nos olhos vai haver um deslocamento até outros objetos de conhecimento.

Transpondo a figura da mãe, da citação acima, para a do professor, podemos perceber a importância do olhar, ou seja, do afeto presente neste olhar, e a relevância deste na aprendizagem. Por isso, é importante que o professor se preocupe com a qualidade da mediação que ele fará, pois há diferença entre a mediação por gestos e palavras suaves e cordiais, daquelas mediações irritadas, impacientes e agressivas.

O professor é o mediador de aprendizagem: as relações ensinar e aprender, aprender e ensinar entre professor e alunos acontecem constantemente. O professor não precisa exercer uma autoridade explícita. Sua autoridade docente é conquistada pela sua cidadania, sua liderança e sensibilidade.

Para tanto, o professor, deve ser portador de um olhar humanista. Suas práticas educativas diárias devem ter gosto de vida; proposta de vida mais digna, mais saudável e mais humana. Só assim, a práxis docente representará uma identidade percebida pelos alunos, num caminho de construção de saberes, constituindo-o em sua carreira profissional e vida pessoal.

Maturana (2004) afirma que vivemos numa cultura que desvaloriza as emoções em favor da razão. Valorizar a racionalidade como expressão básica da existência humana é positivo, mas não podemos deixar de levar em conta as emoções.

Do ponto de vista biológico, o amor é a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como é o presente, sem expectativas em relação às consequências da convivência, mesmo quando seja legítimo esperá-las. O desenvolvimento biológico sadio de uma criança requer uma vida de amor e aceitação mútua. (MATURANA, 2004, p. 223)

Vygostky, em seu legado, procura não separar o aspecto cognitivo do emocional, pois afeto e intelecto se unem. Cada ideia conta uma atitude afetiva que se revela através da interação entre indivíduos envolvidos em determinado contexto de aprendizagem. Cabe ao professor propiciar um ambiente de fala e escuta, onde haja o respeito à diversidade, seja ela de ideias, cultura ou qualquer outra. Segundo Vygostky, em Rego (1995, p. 122):

...são os desejos, necessidade, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento, e este, por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo-volitivo. Como é possível observar, na sua perspectiva, cognição e intelecto não se encontram dissociadas no ser humano, pelo contrário, se inter-relacionam e exercem influências recíprocas ao longo de toda a história do desenvolvimento do indivíduo. Apesar de diferentes, formam uma unidade no processo dinâmico do desenvolvimento psíquico, portanto, é impossível compreendê-los separadamente.

Percebe-se que fragmentar o indivíduo, analisando-o sob os diferentes processos nos quais ele está envolvido, nas esferas cognitiva, afetiva e social, não condizem com os postulados de Lev Vygostky. Neste sentido, é relevante olharmos

o papel desempenhado pelo professor na sala de aula e as implicações de suas mediações no processo da construção do conhecimento.

Desta forma, a afetividade assume papel fundamental no desenvolvimento humano, determinando os interesses e necessidades individuais da pessoa.

No desenvolvimento do indivíduo, as necessidades afetivas tornam-se cognitivas, e a interação afetividade e inteligência permite à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.

A importância da afetividade na relação professor e aluno no processo ensino e aprendizagem é apresentada também por Hillal (1985, p. 18):

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades.

Chalita (2004, p. 158), “um mestre tem diante de si a responsabilidade e a missão de formar pessoas equilibradas e felizes, além de competentes.”. No decorrer do desenvolvimento do aluno, os vínculos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem.

A interação entre professor e aluno é uma condição necessária para a produção do conhecimento, especialmente as relações que permitem o diálogo, a cooperação e a troca de informações entre aluno e professor. O professor deve, nesta perspectiva, considerar o aluno como um sujeito ativo e interativo no seu processo de conhecimento. Portanto, de acordo com Rego (1995, p. 111):

A atividade espontânea e individual da criança, apesar de importante, não é suficiente para a apropriação dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Portanto, deverá considerar também a importância do professor (entendido como alguém mais experiente da cultura) e, finalmente, as trocas efetivadas entre as crianças (que também contribuem para os desenvolvimentos individuais).

Segundo os postulados de Vygostky, é através da interação entre aluno e professor e seus pares que a construção do conhecimento se faz.

A criança ingressa na escola carregada de sentimentos, emoções, inclusive a do medo. Nesse sentido, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo.

Para Guillot (2008, p. 12), “o professor é um mediador entre os valores éticos universais, entre a criança e a lei, entre a criança e a aprendizagem, entre a criança e a ação.”.

Sabe-se que o papel do professor frente à aprendizagem do aluno é de importância vital. Em uma sala de aula, em que o professor apresenta desrespeito durante o processo de ensino e aprendizagem, ridicularizando os alunos com menor rendimento, mesmo que veladamente, autoriza os demais alunos da classe a fazerem o mesmo, o que frequentemente cria um bloqueio no aluno com alguma dificuldade. Neste contexto, cabe a citação de M. Mannoni, em Fernandez (1990, p. 32), quando diz que “a escola, depois da família, converteu-se no lugar escolhido para fabricar neuroses, que se tratam depois em escolas paralelas ou consultórios psicopedagógicos.”.

Em uma sala de aula, onde o professor ao invés de criar um ambiente propício à hipótese, ao erro e ao acerto, acolhe e valoriza somente as respostas corretas, há um desrespeito à construção do conhecimento pelo aluno. De acordo com a teoria piagetiana, é na interação entre o sujeito do conhecimento e o objeto, através da formulação de hipóteses, erros e acertos, que se dá a aprendizagem. Ao professor cabe colocar o aluno em contato com o objeto do conhecimento, e para isso, é fundamental que crie um ambiente de solidariedade, afetividade e respeito, onde os alunos aprendam a relacionar-se com segurança e tranquilidade, confiando que todas as suas hipóteses serão aceitas, mesmo aquelas que não forem as mais corretas. Na concepção construtivista, a função do professor é, segundo Weisz (1999, p. 84), “atuar para que os alunos transformem seus esquemas interpretativos em outros que deem conta de questões mais complexas que as anteriores.”.

É fundamental que o professor olhe o aluno de uma forma mais comprometida, aberta ao diálogo, para que as relações sejam menos dolorosas, onde seja respeitado o espaço e o papel de cada um.

Sabe-se que o papel do professor frente à aprendizagem do aluno é de importância vital. Ainda hoje, considera-se o professor, a figura responsável pelo aprendizado ou não dos educandos. Não é de hoje que se escuta as falas das famílias sobre este ou aquele professor, seja para o elogio ou para a crítica. Muitas famílias depositam toda a responsabilidade do sucesso ou fracasso escolar de seus filhos na figura do professor, muitas vezes, isentando-se das responsabilidades que lhe cabem.

No entanto, é mister perceber que muito do fracasso ou sucesso escolar dá-se pela qualidade do trabalho pedagógico e pelas relações de afeto, acolhimento, escuta e respeito do professor para com o seu aluno. É evidente que o professor tem o dever de organizar o processo de ensino e aprendizagem, é ele quem escolhe as diferentes formas e instrumentos para que o aluno interaja com o objeto do conhecimento.

Destaca-se, nas diferentes situações de sala de aula, o diferencial no que tange ao relacionamento do aluno com outros alunos e também com o seu professor, segundo Chalita (2004, p. 153):

O professor que chama o aluno pelo nome, que repara em algum novo detalhe, uma roupa, um novo corte de cabelo; o professor que menciona ter conhecido o pai de seu aluno e lhe faz um elogio. Realiza pequenos gestos de atenção que quebram barreiras e fertilizam o terreno da amizade entre ambos. É o famoso afeto, que nada tem de complicado e não exige sacrifícios. Basta um pouco de boa vontade e muito de vocação para o magistério.

É evidente que o educador ao relacionar-se com respeito e afeto com seu aluno, resgata a autoestima deste, elevando-a. O aluno sente-se aceito e importante, e isso faz com que se dedique mais às tarefas propostas, e, muitas vezes, até casos de indisciplina são amenizados ou parcialmente solucionados.

Desta forma, o ambiente torna-se propício à aprendizagem e à construção de novos conhecimentos. Partindo da zona de desenvolvimento real, através de uma mediação responsável, segura, instigadora e afetuosa, o aluno sente-se estimulado a avançar em suas descobertas. Quando o professor atua na zona de desenvolvimento proximal, proporcionando ao aluno ferramentas para avançar, este constroi seus mecanismos, adquirindo o conhecimento, e o que antes não era possível sem a ajuda do mediador, passa a tornar-se perfeitamente viável, e o conhecimento, a aprendizagem acontecem. Uma gama de atribuições passa pelo fazer pedagógico do professor, porém este nunca deve abster-se de criar vínculos com o seu aluno, através do olhar diferenciado sobre cada um, um olhar carregado de respeito, interesse e amor.

É fundamental, segundo Sara Paín, em Fernandez (1991, p. 35):

...uma tarefa primordial no diagnóstico é resgatar o amor. Justamente a possibilidade de curá-lo, ou seja, de fazê-lo surgir como diferente, é facilitar seu trabalho de recriar-se como pessoa interessante. Que sinta que sua personalidade se diferencia das outras e tem um caminho próprio que é capaz de construir, que vislumbre uma possível escolha, certo grau de liberdade, ainda que seja no conhecimento.

Se na clínica psicopedagógica o amor é uma necessidade, quanto mais na educação, na sala de aula, ele se torna fundamental. O resgate do ser humano, da sua autoestima, a qualidade das relações estabelecidas entre o professor e aluno são peças decisivas na construção do conhecimento.

A proximidade entre professor e aluno é fundamental para a aprendizagem do aluno. Esta aprendizagem não expõe o professor ou o aluno. Ao contrário, ao existir um relacionamento humano mais próximo e autêntico manifestado no interesse do professor em contribuir com a aprendizagem dos seus alunos e entender o seu mundo, o ambiente escolar se torna mais natural e os alunos sentem-se mais à vontade para contar com o professor na mediação do seu processo de aprendizagem.

Quando a criança ingressa na escola, ela busca o acolhimento, a paciência em respeito ao seu processo de desenvolvimento e também o amor. Por isso, ser professor é ser referência para os alunos.

Para cada criança, o espaço escolar tem diferentes significados e isso é resultado das relações de afetividade que ela desenvolveu com o seu professor.

Os professores devem estar conscientes dessa situação, sabendo que “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Freire, 1996, p. 135).

É na escola que a criança, simultaneamente com os demais relacionamentos, amplia as referências para o seu desenvolvimento emocional, intelectual, social. Para Aquino, o professor é quem interage intensamente com ela, visto que a dupla (professor-aluno) representa a essência do processo ensino e aprendizagem.

A aprendizagem é um processo que se dá internamente, ou seja, para dentro e não para fora. Tanto por parte do aluno quanto do professor. O professor precisa olhar seus alunos como indivíduos inclusos num grupo social, aceitando e compreendendo a individualidade de cada um. A escola sozinha não tem poder de mudar a sociedade, nem a sociedade mudará se não tiver sua intervenção. E é

justamente neste olhar que deve haver a soma das duas. Essa soma perpassa pela relação professor e aluno, pois sabemos que o relacionamento interpessoal do indivíduo inicia na família e na escola. É na escola que o aluno amplia suas referências para o seu desenvolvimento emocional, intelectual, social. A interação professor e aluno é de suma importância. É nas interações que o aluno recebe e seleciona sentimentos, expressa comportamentos, constroi valores, elabora conhecimentos e promove a formação de sua autoimagem e a do mundo.

Por isso, é possível afirmar que o professor é influenciador do aluno. A relação professor e aluno precisa ser uma relação de igualdade/comunicação.

De acordo com Maturana (1998), para que haja história de interações recorrentes, tem que existir uma emoção que constitui as atitudes, as quais resultam em interações recorrentes. Caso essa emoção não ocorra, não existe história de interações recorrentes, mas sim encontros casuais e separações. Pode-se dizer que existem duas emoções pré-verbais que tornam isto possível: a rejeição e o amor.

A rejeição constitui o espaço de condutas que negam o outro como legítimo na convivência. A rejeição e o amor, no entanto, não são opostos, porque a ausência de um não leva ao outro, e ambos tem como seu oposto a indiferença. Rejeição e amor, no entanto, são opostos em suas consequências no âmbito da convivência: a rejeição a nega e o amor a constitui. A rejeição constitui um espaço de interações recorrentes que culmina com a separação. O amor constitui um espaço de interações recorrentes que se amplia e pode estabilizar-se como tal (MATURANA, 1998, p. 66).

A missão de ensinar vai além dos conteúdos. É preciso se envolver, é um processo que envolve todos os envolvidos. Alicia Fernandes nos diz que para aprender são necessários o ensinante e o aprendente e o vínculo que se estabelece entre ambos.

Um professor afetuoso é aquele que sabe sair da indiferença e, junto com seus alunos, faz de sua sala de aula um espaço onde a afetividade é levada em conta e juntos aprendem a lidar com os seus sentimentos e com os dos outros com responsabilidade, estabelecendo uma relação de troca. O professor precisa perceber que seus alunos pensam que conhecem o mundo, que tem ideias próprias, que sabem expressar-se, dando opiniões e respostas; assim seus alunos serão ouvidos e esta relação basear-se-á em respeito e cumplicidade.

Quando o vínculo afetivo está presente, a relação do aluno com o ato de aprender se torna mais tranquila tendo em vista que este se sente mais autorizado

para demonstrar suas competências e habilidades. A partir dos momentos em que o professor acredita em seu aluno, aposta nele, a aprendizagem começa a fluir de forma mais tranquila. Quando não existe essa relação de amorosidade, não se permite, ao aluno se constituir como um ser único.

Segundo Alicia, a inclusão do afeto ou não definirá se a sala de aula funcionará como verdadeiro espaço de aprendizagem ou apenas um espaço para passar o tempo. Ter boas notas não significa que ocorreu a aprendizagem. A aprendizagem só acontece quando transforma a pessoa, quando ajuda este aluno a evoluir como ser humano.

Alicia Fernandez, psicopedagoga argentina, em visita ao Brasil, concedeu uma entrevista à revista *Aprende Brasil* (2007, p.14-17). Nesta, ela fala da necessidade do afeto ser uma ferramenta no ato de educar.

A diferença é enorme, porque através da inclusão ou da exclusão do afeto do processo educativo se define o que vai se passar nas salas de aula: se a sala de aula será um lugar onde se possa realmente aprender ou só será um espaço para passar o tempo e passar os níveis educacionais. Há muitos alunos que passam pela escola e são bem-sucedidos e tem notas muito boas, mas que nunca foram realmente afetados pela escola, ou seja, a escola não conseguiu entrar para produzir uma transformação nelas como pessoas.

O papel do professor é fundamental neste processo de desenvolvimento do aluno, pois muitas vezes o professor é o único capaz de reconhecer este aluno como um ser que pensa, que tem sonhos, desejos e que quer mudar a sua história.

Tratar o aluno com afeto significa sairmos da nossa indiferença “porque a indiferença é a desafetividade”, precisamos formar seres capazes de lidar com os sentimentos; para isso é preciso que haja uma relação de respeito e cumplicidade entre professor e alunos.

O professor precisa ouvir seus alunos, suas histórias de vida, suas alegrias e suas dores e o aluno precisa se sentir escutado e acolhido, assim perceberá este professor como uma autoridade e respeitará as regras porque foi conquistado por ele.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1997, p.30) diz no seu texto que:

A auto-estima que a criança aos poucos desenvolve é em grande parte, interiorização da estima que se tem por ela e da confiança da qual é alvo. Disso resulta a necessidade de o professor confiar e acreditar na capacidade de todas as crianças com as quais trabalha. A postura corporal, somada a linguagem gestual, verbal, etc., do professor, transmite informações às crianças, possibilitando formas particulares e significativas de estabelecer vínculos com elas. É importante criar situações educativas para que, dentro dos limites impostos pela vivência em coletividade, cada criança possa ter respeitado os seus hábitos, ritmos e preferências individuais. Da mesma forma, ouvir as falas das crianças, compreendendo o que estão querendo comunicar, fortalecendo a sua autoconfiança.

O texto confirma a necessidade dos pais, adultos e professores favorecerem a construção positiva da autoestima através do afeto, confiando e acreditando na capacidade do indivíduo, já que é desenvolvida pouco a pouco na infância.

Chalita (2001) nos diz que educar é criar vínculos, envolver, seduzir, estar atento tanto a metodologias pedagógicas quanto a detalhes. Pra ele a afetividade repousa na tese de que o desafio atual da escola não se resume à construção de habilidades cognitivas e sociais. A afetividade na escola e na sala de aula contribui para o crescimento do aluno, já que o professor não é um mero transmissor de conhecimento, estabelecendo uma relação de reconhecimento do esforço, bem como uma ligação afetiva de carinho.

A sala de aula é um espaço cheio de vida, de sintonia. O aluno é um todo com corpo e sentimentos e é preciso ter sintonia, equilíbrio; o desafio é conciliar para que o conhecimento auxilie no seu crescimento como pessoa. É muito importante compreender os conflitos, as emoções dessa teia que permeia a vida das pessoas e dar-se conta desses problemas do dia a dia, dominando essas sensações para aprimorar o autoconhecimento e adquirir novos valores.

O dia a dia dos alunos e dos professores é bastante diversificado, devido às razões de viver de cada um. O professor tem uma jornada de trabalho muitas vezes cansativa. Qual é o perfil deste professor na relação com os alunos? É pensando na forma como conduz a aula e no sentido deste trabalho para o educando que se construirá a relação professor e aluno.

No decorrer da caminhada do aluno, muitas interrogações e dúvidas vão surgindo. As trocas de ideias, de emoções, de afetos e de dificuldades acontecem na sala. É neste espaço que o olhar do professor é essencial, pois ele observa, percebe o ambiente. O professor precisa ter sensibilidade para perceber o espaço que o cerca e a interação que acontece em sua sala de aula.

O professor precisa proporcionar momentos, espaços para que seus alunos possam ampliar suas capacidades de ação e de reflexão de forma responsável. O professor precisa desenvolver as competências de seus alunos, por isso as intervenções são de extrema importância e requerem planejamento e organização por parte do professor. Nesta relação, o professor vai percebendo caminhos, criando maiores vínculos, buscando novas estratégias.

O olhar diferenciado do professor ajudará o aluno a ser protagonista de sua história, tendo opiniões próprias, falando, expondo seu ponto de vista. É preciso desenvolver princípios, trocar objetivos, encorajar os alunos para irem à busca dos seus sonhos e desejos. É possível encontrar caminhos que transformem nossa realidade sem que se perca a energia da esperança e do sonho de cada um; o professor deve ser parceiro nesta construção.

Ao falarmos de aprendizagem e da importância da relação professor e aluno nesta aprendizagem faz-se necessário pensar no que seria o seu oposto: o fracasso escolar. Já mencionamos que a aprendizagem se dá no vínculo entre ensinante e aprendente e que a aprendizagem tem um caráter subjetivo, pois o aprender implica em desejo que deve ser reconhecido pelo aprendente, neste sentido, a aprendizagem é a construção que se vai fazendo a partir de seu saber, transformando em conhecimento.

No fracasso escolar, não acontece esta relação entre ensinante e aprendente. Para Alicia Fernandez (1994), no fracasso escolar “a criança não tem um problema de aprendizagem, mas eu, como docente, tenho um problema de ensinagem com ele”. Muitas vezes, o fracasso escolar é um sintoma de outros conflitos existentes na escola, ou entre professor e aluno, assim como a metodologia pode não estar facilitando a aprendizagem e o desempenho escolar.

Hoje, o fracasso escolar é um dos grandes problemas do sistema educacional de ensino. Muito se busca pelos culpados, ora a família recebe este papel, ora a criança, ora a sociedade. Poucas vezes, percebe-se a escola também como responsável, assumindo este fracasso. Pelo contrário, a escola coloca o problema no aluno, considerando portador de alguma patologia. Muitas vezes, o motivo do fracasso é uma não aproximação do aluno para conhecê-lo em sua individualidade, sua história de vida.

O papel do professor é também de investigar, arregaçar as mangas. Aquele professor que reclama e não faz nada para mudar, não percebe que o fracasso não

é só do aluno, que é também dele e que ele não estabelece condições para que a aprendizagem de desenvolva.

Muitas vezes, o professor não quer assumir a responsabilidade pelo fracasso, não se coloca no lugar do outro, não percebe o que está acontecendo, bem como não tenta descobrir o que pode fazer para ajudar a mudar a situação.

É importante ter diferentes formas de ensinar, porque existem diferentes formas de aprender. O olhar! Olhar com o seu olhar e não com o olhar do outro! O olhar pode ampliar as ideias ou limites. Quando descobrimos, entendemos como o aluno aprende, e mudamos a forma de olhar este aluno, vamos percebendo mudanças.

Não há fórmulas mágicas para ensinar, há postura, comprometimento, formação de indivíduos capazes de exercer a cidadania. Todo ser humano é capaz e tem condições de aprender. Naquilo que é do seu interesse, presta mais a atenção. Neste sentido, as crianças são atraídas para o que mais lhe chama a atenção, que muitas vezes não é o foco que está sendo proposto pelo professor.

Em muitos casos, a aprendizagem acontece pelo vínculo amoroso que vai sustentar a aprendizagem. Daí a importância de usarmos todas as ferramentas pedagógicas, para ajudar, como já foi mencionado por Fernandez, mas é preciso existir este vínculo entre professor e aluno. E no fracasso escolar, muitas vezes, o aluno está pedindo socorro, ajuda, com a autoestima muito baixa, não acreditando mais no seu papel de aluno, no seu fazer. E o professor, no entanto, não se dá conta que não empresta mais para este aluno o seu desejo para que o aluno aprenda.

Os professores devem se dar conta desse processo, refletir sobre ele, com outro olhar. O lugar do sucesso ou do fracasso é sempre construído no coletivo. Que nós professores, possamos saborear e ensinar aos nossos alunos o melhor do conhecimento e experimentar a liberdade que este conhecimento nos traz.

Também é importante falar sobre as ações pedagógicas e da participação dos alunos neste processo de ensino e aprendizagem, para a construção do conhecimento. A interação nesta construção do saber é de suma importância. As relações capacitam o aluno para sair de um plano interpessoal para um plano intrapessoal. O aluno e o professor mediador tem implicações nas atividades de ensino e isso reflete nos conteúdos. Quando esta interação acontece, surge a confiança e a credibilidade no aluno que aprende. Esta relação estabelecida

determina o pacto educativo que irá se estabelecer entre ambos de modo que a aprendizagem possa fluir de maneira mais tranqüila.

Para que a escola consiga promover o desenvolvimento e a aprendizagem de seus alunos, é preciso se organizar. É necessário que a escola se organize e tenha sintonia entre todos os que trabalham nela, tendo compromisso com os seus alunos, assim como o Projeto Político Pedagógico também precisa ser uma referência para todos, uma proposta capaz de assegurar a todos o direito de aprender. Para isso é preciso respeitar as diferenças, os processos individuais de cada um e fazer dos alunos o centro da construção do acontecimento.

Segundo Chalita (2001, p. 65):

A questão da aprendizagem supera a questão do ensino. O processo de aprendizagem tem de ser permanente. É um processo do professor e do aluno, que faz com que a educação não se reduza a menos conteúdos decididos por pessoas distanciadas das peculiaridades regionais e culturais, conteúdos incutidos de forma autoritária. O desafio do aprender a aprender é enorme, é o desafio de formar seres aptos a se governar, a desenvolver a liderança participativa, a aprender a dizer sim e a dizer não [...].

Muitas vezes, deve ficar claro que há sempre uma distância entre o que temos e o que queremos. Para chegar aos nossos objetivos é preciso o desejo de mudança. A vontade é um elemento muito especial num grupo de trabalho da escola, onde o foco deve ser o aluno, sempre almejando uma maior qualidade no ensino.

O professor que busca um ensino de qualidade, que quer formar cidadãos capazes de se posicionarem criticamente perante a sociedade precisa também saber lidar com as questões que dizem respeito ao domínio de classe. Hoje, na sala de aula, o professor se depara com diferentes alunos: um desmotivado, outro bem informado, um agressivo, outro inquieto.

Um aluno pode aprender grande quantidade de conteúdo sem dificuldades, se perceber que haverá utilidade em sua vida diária; diante disso é necessário dar significado para o que se está ensinando. Para se ter êxito o trabalho de disciplina não deve ser isolado. Pode-se garantir a disciplina se todos os professores falarem a mesma linguagem. Uma prática muito importante no domínio de classe é professor e alunos terem a oportunidade de participação na elaboração das regras disciplinares.

Conquistar a confiança e o respeito dos alunos, muitas vezes, é a dificuldade dos professores. Pode-se dar aula, com tranqüilidade, conduzindo os alunos ao

aprendizado, se agir, desde o início com autoridade, não autoritarismo. Para manter a disciplina, é necessário agir de forma educada e controladamente, pois um é diferente do outro; assim será mais fácil estabelecer o diálogo nas situações de conflito.

Para se ter uma sala de aula disciplinada, com alunos respeitando-se mutuamente no dia a dia, os vínculos estabelecidos devem ser fortalecidos. Para que a aprendizagem possa acontecer na sala de aula, a disciplina deve estar presente. Por outro lado, não se deve confundir disciplina com silêncio. A disciplina deve conduzir à aprendizagem e, para isto acontecer, as diferenças, as particularidades de cada um precisam ser respeitadas.

O acolhimento do aluno deve ser valorizado, independente de sua condição física ou econômica, deve ser um exercício constante na sala de aula, pois a aproximação enriquece e fortalece incentivando a disciplina.

Segundo Chalita (2003, p. 11):

[...] É chegada a hora de assumir o comando dessa embarcação em direção ao futuro. Não podemos esperar que as novas gerações modifiquem o que está errado se não despertarmos para o fato de que cabe a nós, desde já, dar o exemplo. Para isso, nossos pensamentos e ações devem ser um misto de altruísmo, capacidade de doação e amor ao próximo. Mas como faremos se os valores que deveriam nortear a vida em sociedade parecem cada vez mais esquecidos? Como educar nossas crianças e jovens num tempo em que a aparência e a competição e o individualismo teimam em ditar as regras dos relacionamentos, acabando por minar qualquer possibilidade de companheirismo, de amizade e de amor?

Amizade, companheirismo, diálogo, e exemplo, segundo o autor, são a base de tudo. Deve-se apostar numa educação que investe na criança, ensinando os valores essenciais e, conseqüentemente, preparando para a vida na sociedade, onde possa ser capaz de discernir de maneira consciente o certo do errado. Diante disso, é necessário buscar caminhos de como, através do afeto na relação professor e aluno, é possível inteirar a arte de ensinar e a alegria de aprender.

Ser criativo, inovador, conseguir romper com o óbvio, fazer a pergunta que ninguém fez, ser ousado, tendo coragem e não tendo medo de errar, isto depende da autoconfiança e da confiança no outro.

De acordo com Chalita (2001, p. 21):

Existem muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor. Sem dúvida, todos os autores que tratam do tema educação, na atualidade apontam para uma educação com afeto.

É indiscutível que a aprendizagem ocorre quando relações de afeto estão incluídas nesse jogo, proporcionando construções baseadas na formação e na informação.

Sabe-se que crianças e adolescentes que possuem alguma relação afetiva com o professor tem a tendência a gostar mais daquela disciplina e também a querer “acertar” mais e mais vezes. Quando se gosta daquilo que se está aprendendo, sempre se realiza as atividades com mais prazer e vontade.

A afetividade e o bom relacionamento que se constroi com os alunos ao longo do tempo são fatores decisivos na aprendizagem, pois sem isso não é possível ter interesse e estar motivado em uma aula. O professor tem que cativar, tem que se comprometer com seus alunos, senão sua figura pode inspirar aversão e indiferença.

A relação estabelecida entre professores e alunos constitui o cerne do processo pedagógico. É impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos alunos, uma vez que essa relação é uma “rua de mão dupla”, pois professores e alunos podem ensinar a aprender através de suas experiências.

Sabe-se que toda interação social provoca uma modificação de comportamento dos indivíduos envolvidos com resultado do contato e comunicação que se estabelece entre eles, determinando a conduta do grupo social.

Se por um lado é importante a existência de afetividade, confiança, empatia e respeito entre professor e aluno para que melhor se desenvolva a aprendizagem; por outro lado, os professores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor. É o que Paulo Freire (1998, p. 159-160) traz ao falar sobre a afetividade:

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos [...]. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior e menor bem querer que tenho por ele.

A relação professor e aluno é entendida como um conjunto de processos sociais associativos de cooperação, assimilação e acomodação e dissociativos de competição e conflitos que estão inseridos dentro de um grupo social educativo, a escola, e que se submetem a fatos sociais do seu cotidiano escolar.

Como o ensino não pode e não deve ser algo estático e unidirecional, deve-se lembrar de que a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos; é, também, local de aprendizado de valores e comportamentos, de aquisição de uma mentalidade científica, lógica e participativa, que poderá possibilitar ao indivíduo, bem orientado, interpretar e pensar outra sociedade, com uma natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal.

Ensinar é uma atividade relacional. Para coexistir, comunicar, trabalhar com os outros, é necessário enfrentar a diferença e o conflito. Acolher e respeitar a diversidade e tirar proveito dela para melhorar sua prática, este é o desafio para o professor. Pois, como diz Freire (1996, p. 47):

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a se presentear na vida de um aluno com um simples gesto do professor. O que pode um gesto, aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo.

O prazer pelo aprender não é uma atividade que nasce espontaneamente nos alunos, pois, muitas vezes, não é uma tarefa que cumprem com prazer. Para que este hábito possa ser mais bem cultivado, é necessário que o professor consiga despertar a curiosidade dos alunos e acompanhar suas ações na solução das tarefas que ele propuser.

O professor tem um papel fundamental: a transformação do aluno em um cidadão do mundo. Aquele que provoca no aluno um estímulo que o faça aprender a aprender.

Isso não é uma tarefa fácil para o professor, requer a quebra de paradigmas: o aprender a não desistir, a conscientização de que em uma sala de aula não há aprendizado homogêneo e imediato, que a orientação do professor, acompanhando cada passo do aluno, com a intenção de que ele, gradativamente, liberte-se e demonstre seu potencial, é fundamental.

3 A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO DURANTE O ESTÁGIO

Para Vygostky o professor deve dar importância à dimensão social, interpessoal, na construção do sujeito e incentivar novas conquistas. Neste contexto posso afirmar que o estágio foi um período de múltiplas relações de identificação, de diálogo, de incentivo e de aprendizagem, onde a realidade de fora foi trazida para dentro da escola e retornando com ações educativas na comunidade. Todo esse processo criou um ambiente educativo propício para o desenvolvimento de uma educação em seu caráter crítico, que se inicia na escola, mas se realiza para além de seus muros.

Segundo Paulo Freire:

a aprendizagem é um processo construtivo, pessoal em que cada um aprende por si seguindo seu próprio caminho. Contudo um fator importante a ser considerado, é que a aprendizagem se concretiza nas relações sociais, ou seja, é nas relações dos homens com outros homens que se constrói o conhecimento (FREIRE, 1996, p.61).

Portanto, a interação entre professor e aluno é condição necessária para a produção do conhecimento. Mas sabemos também que cada um busca seu próprio aprender. Nós professores só damos pistas, condições, recursos para que os alunos possam ter aprendizagens que sejam importantes para sua vida.

Durante o estágio o diálogo, a cooperação e a troca foram elementos importantes para que se construísse o vínculo afetivo entre professor e aluno, o que pode ser notado nas falas dos alunos; "A senhora é uma das minhas, gosto muito da senhora.", "Hoje é o último dia que a senhora vai ficar com a gente? Não gostaria que a senhora fosse embora!" Com o diálogo também construímos conhecimento, por exemplo: "Pode deixar professora, eu explico para o meu colega, eu entendi como fazer!"

Sabemos que este diálogo é fundamental para que os alunos se tornem agentes ativos no processo de construção do conhecimento. A escola é um espaço onde os conhecimentos se encontram, e é preciso potencializar essa troca de conhecimentos. A escola é um espaço onde se ensina não apenas com o discurso e o quadro-negro, mas com a dialética, sabendo ouvir, possibilitando pensar, experimentar a descoberta.

O vínculo afetivo estabelecido entre professor e aluno é uma das fontes que motivam a aprendizagem. Na medida em que o professor cria esta atitude de respeito, passa a ser um mediador de aprendizagens e a afetividade vai-se fortalecendo cada vez mais.

O aluno tem de ser amado, respeitado, valorizado. O aluno não é uma tábua rasa, sem nada, em que todas as informações são jogadas. Não é um carrinho vazio de supermercado em que alguém coloca o que bem entende, e o carrinho vai agüentando tudo o que nele é jogado. Ao contrário, o aluno é um gigante que precisa ser despertado. Todo e qualquer aluno tem vocação para brilhar, em áreas distintas, de formas distintas, mas é um ser humano e como tal possui inteligência, potencial.

[...] O professor é a alma da educação, a alma da escola, o sujeito mais importante na formação do aluno. O professor referencial, o professor mestre, o professor companheiro, o professor amigo, o professor guia, o professor educador. Que missão magnífica é essa? Que carreira privilegiada. (CHALITA, 2001, p. 261)

O estágio foi um período de múltiplas relações de identificação, de diálogo e de aprendizagem, onde foi oportunizado aos alunos perceberem que a educação tem um sentido amplo, que extrapola o compromisso com a transmissão de conhecimentos e busca abranger outras dimensões, como a intuição, a emoção e o afeto.

Partindo do meu olhar sobre os alunos do 5º Ano A, a turma na qual realizei meu estágio, descrevo experiências e sentimentos sobre as relações de afetividade entre o professor e os alunos ocorridos neste espaço e tempo. Cito um fato que aconteceu com um aluno que tinha uma autoestima muito baixa. Era um aluno agressivo, roubava objetos dos professores e colegas, andava em más companhias, era rejeitado pelos colegas por vir sujo para a escola e os pais demonstravam pouca preocupação com ele. Quando chamados para conversar, diziam: “Não sabemos mais o que fazer!”. Ele estava totalmente carente de atenção e construindo valores negativos para a sua vida. Foi preciso mudar as atitudes em relação a ele, para termos condições de ajudá-lo. Assim, tanto a professora, quanto os pais, começaram a atribuir-lhe pequenas tarefas, elogiando, e também com bastante cuidado, apontando seus problemas. Com o passar do tempo, foram surgindo pequenas mudanças. Vinha para a escola com banho tomado, com roupa mais limpa e as atitudes negativas, como a agressividade e de pegar coisas que não eram suas foram diminuindo. As mudanças aconteceram gradativamente, e na medida em que ele sentia-se valorizado e capaz de ser um indivíduo melhor.

Muitos casos de agressões e indisciplinas em sala de aula, podem ser solucionados através do diálogo e da criação de um ambiente favorável à fala e à escuta, onde cada um tem a oportunidade de verbalizar as suas opiniões e os seus sentimentos, devendo também, saber escutar as opiniões e verdades dos demais colegas, e também do professor.

Percebe-se ser bastante comum professores sobrecarregados, com dupla ou tripla jornada de trabalho, estarem esgotados física e emocionalmente. Estes professores, além de realizarem muitas vezes, trabalhos pedagógicos repetitivos e desinteressantes, acabam “pecando” pela impaciência, agressividade e irritação. A atitude destes profissionais não colabora com a aprendizagem e a construção do conhecimento do aluno, pois estes acabam sentindo-se inseguros, com medo de falar e mesmo perguntar, muitas vezes podendo ocorrer um bloqueio na sua atividade intelectual ou mesmo um desinteresse pelos estudos.

Durante o estágio tive dias de boas colheitas, outros trouxeram acontecimentos que me pegaram de surpresa. Foi o fato do relato de alunos envolvidos em atitudes não lícitas e que tiveram repercussão na sala de aula. Atitudes que podem interferir no futuro de alguns alunos. Fatos esses, envolvendo roubos, venda e tráfico de drogas. Foi um desafio muito grande e conseguimos; professora, coordenadora e conselheira tutelar, mostrar aos alunos que todos cometem erros, mas que precisamos estar abertos a mudanças. Sabemos que, muitas vezes, servimos de modelo para os nossos alunos

É fundamental que o professor priorize em sua prática educativa, momentos interessantes, de descobertas, alegria e interesse por novos conhecimentos, porém também, no mesmo grau de importância, é fundamental que o educador propicie afeto, respeito e tolerância para como todos os alunos. É preciso que o professor use o juízo das funções de sociabilizar, disciplinar e promover os conhecimentos dos alunos, ponderadamente, para conseguir dar uma contribuição positiva ao desenvolvimento dos alunos.

Os alunos que convivem em um ambiente de respeito e solidariedade, aprendem a ajudar o colega e a dar informações a respeito do que acham importante. A solidariedade, no meio social da sala de aula, deve ser estimulada, e esta, somente será estimulada, se a criança perceber em seu professor um modelo de solidariedade e respeito. Percebe-se, que em turmas de alunos, onde há um ambiente de respeito, um ajuda o outro em suas dificuldades, prestando pequenos

favores e auxiliando no que é necessário. Observam-se momentos de riqueza e partilha na hora do lanche, quando um aluno oferece ao outro que não tem merenda um pedacinho do seu bolo, ou pão, ou uma bolacha. Quando ocorrem as trocas de lanches, por incrível que pareça, mesmo aqueles alimentos mais gostosos como chocolate, por exemplo, acabam sendo divididos entre alguns alunos. Observa-se também a colaboração entre os alunos, ao serem prestativos uns com os outros, no momento do recolhimento dos brinquedos, por exemplo, quando a maioria ajuda a guardar tudo, mesmo que não tenha manuseado aquele objeto, ou material em particular.

É fundamental que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada enquanto fala ou enquanto ouve. “O que importa é que o professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.” (FREIRE, 1996, p. 96).

Neste contexto não posso deixar de mencionar o caso do aluno X usuário de drogas e com dois irmãos presos. Esse aluno precisava se apresentar de tempos em tempos na Promotoria Pública, a fim de acompanharem o seu rendimento escolar entre outras coisas. Pensando nisso, a escola iniciou um trabalho coletivo, envolvendo professores, direção, coordenação pedagógica, alunos e pais, na tentativa de mostrar o quanto as drogas são nocivas para o ser humano. Os colegas do aluno X trouxeram experiências pessoais, reportagens sobre drogas, tudo para que houvesse um resultado positivo na vida do aluno X. Partindo disso, foram convidados um psicólogo e um assistente social para dar suporte para que o trabalho ficasse mais rico. Com todo esse trabalho foi possível verificar que o aluno X estava mais consciente sobre os malefícios da droga e muito mais confiante em si. Segundo a fala dele: “Tenho muitas pessoas apostando em mim, principalmente minha professora, por isso vou conseguir sair dessa.”

As interações estabelecidas entre professor e aluno favorecem ou desfavorecem a aquisição da aprendizagem, dependendo da qualidade dessas interações. Como professores, podemos despertar diferentes sentimentos e emoções em nossos alunos, por isso é importante que o professor se preocupe com a qualidade da mediação que ele faz. Precisamos ter em mente que, enquanto educadores, temos que procurar o que é melhor para a escola e para os alunos.

Os exemplos anteriormente citados ocorrem em salas de aula e ocorreram na minha turma de estágio, onde os alunos são estimulados ao convívio

social, à solidariedade, à compreensão e ao respeito mútuo. Porém este estímulo não pode se dar apenas no discurso, na elaboração das combinações da turma, ou no gesto autoritário e coercitivo do professor. Esse estímulo se dá sobretudo, na atitude e no exemplo do professor para com seus próprios alunos. Afinal, de que adianta um belo discurso, cheio de ensinamentos e lições, quando o professor não oferece espaço para o diálogo, o respeito, o afeto e a democracia em sala de aula?

O desenvolvimento da aprendizagem do aluno, a aquisição do conhecimento e o progresso intelectual do educando perpassam as relações interpessoais nas quais o aluno está envolvido.

Por isso, é necessário muito empenho, estudo, para que as práticas educativas representem em cada educador, com cada educando, uma educação comprometida com o desenvolvimento e construtiva ao longo de toda a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou considerações referentes ao tema: O processo relacional entre o professor e o aluno. A relação estabelecida entre professores e alunos constitui o cerne do processo pedagógico, sendo uma das mais difíceis de ser exercida, pois depende muito das habilidades e competências de como o educador irá repassar seus conhecimentos. É impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos discentes, uma vez que essa relação é uma “rua de mão dupla”, pois ambos, professores e alunos podem ensinar e aprender através de suas experiências.

Diante da escolha do tema, a sua problematização ficou clara, surgindo então, a pergunta norteadora da pesquisa; “Como as relações estabelecidas entre o professor e o aluno influenciam na aprendizagem do aluno?”

Partindo da problematização inicial, e estabelecido o objetivo geral, que pretendia identificar como as relações estabelecidas entre o professor e o aluno influenciam na aprendizagem significativa do aluno, e cujos objetivos específicos buscavam analisar o processo de aprendizagem dos educandos, nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais, identificando o papel do professor nesse processo e verificar as relações estabelecidas entre o professor e o aluno e como estas influenciam na aprendizagem, partiu-se para a escolha da metodologia de pesquisa.

Após efetuar a análise das diferentes metodologias e procedimentos de pesquisa, optou-se pelo método de pesquisa científica bibliográfica e também pelo relato de experiências vividas em sala de aula, apresentando uma abordagem qualitativa do assunto a ser investigado, pois se acredita que a mesma, devido ao tema e ao problema abordado, e também por se tratar de uma pesquisa educacional, cuja reflexão leva determinadas questões a profundos debates e críticas, seja a mais produtiva e eficaz.

Diferentes procedimentos de pesquisa foram utilizados nesta investigação científica, desde a seleção da bibliografia, feita através de visitas a bibliotecas, consulta na Internet, diálogo com profissionais da educação a respeito da bibliografia que poderia ser utilizada, até a leitura, fichamento e análise dos livros e outros materiais escolhidos, falas dos alunos, consulta do relatório de estágio e dos

portfólios produzidos ao longo da graduação, bem como, a escolha final das referências para esta investigação.

Diante da investigação realizada, após a consulta e análise de obras relacionadas aos estudos de teóricos como Lev Vygostky e Jean Piaget, à luz de autores como Alicia Fernandez, Paulo Freire e Gabriel Chalita, entre outros, pôde-se constatar que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois foi possível compreender qual a influência das relações estabelecidas entre o professor e o aluno na aprendizagem significativa do aluno.

A partir da teoria vygostkyana, identificou-se a importância da qualidade das mediações realizadas pelo professor na zona de desenvolvimento proximal do aluno, para que este atinja a zona de desenvolvimento potencial. Cabe ao professor intervir pedagogicamente para que o aluno avance em seu processo de aprendizagem, e para isso são necessárias mediações de boa qualidade. Podemos e devemos incluir nesta qualidade das mediações, os procedimentos pedagógicos adotados, mas, primordialmente, a paciência do professor, seu tom de voz, o espaço para a escuta, para o diálogo e para os questionamentos dos educandos. Acredita-se que os professores impacientes, autoritários e distantes não realizam uma mediação que apresente as qualidades necessárias para um bom desenvolvimento cognitivo, emocional e social do aluno, podendo, muitas vezes, causar o desinteresse deste pelo novo conhecimento, ou até pela escola, como um todo.

Ainda de acordo com Vygostky, em Rego, (1995, p. 122), são os desejos, necessidades, emoções, motivações e interesse que dão origem ao pensamento, portanto, ainda segundo o autor, cognição e intelecto não se encontram dissociadas no ser humano. Portanto, pôde-se concluir que o professor que propicia um espaço de fala e escuta em sala de aula, onde se cria um ambiente de respeito à diversidade, seja de ideias, cultura, religião, ou tantas outras, estabelece relações de troca e valorização dos alunos como seres humanos únicos e ao mesmo tempo, socialmente envolvidos, favorece a criação de um ambiente propício à aprendizagem.

Segundo a psicopedagoga Alicia Fernandez, tudo começa na triangulação do primeiro olhar (1990, p. 28). Acredita-se que para que um professor tenha êxito no processo de ensino e aprendizagem, este deve conseguir olhar para seu aluno com os olhos da alma. Perceber na criança, um ser em desenvolvimento, que através da escola busca conhecimento, mas também deseja ser compreendido,

valorizado e amado, é atitude ética e profissional. Pode-se, com certeza, afirmar que quando há simpatia entre professor e aluno, quando o professor consegue entender e compreender toda a gama de emoções vivenciadas pelo educando, sejam elas de ordem familiar, escolar, ou mesmo as próprias da idade, acontece uma comunicação mais eficaz, fazendo com que este aluno se sinta compreendido e valorizado, e conseqüentemente ocorra um interesse pelo objeto do conhecimento. Percebe-se que nestas circunstâncias, a aprendizagem torna-se mais eficaz, causando inclusive, efeitos colaterais como diminuição da indisciplina na sala de aula.

Chalita, em seu livro, *Educação. A Solução está no Afeto*, (2204, p. 153), relata que quando o professor realiza pequenos gestos de atenção com o aluno, ele está quebrando barreiras e fertilizando o terreno da amizade. Ainda segundo o autor, é o famoso afeto, que nada tem de complicado e não exige sacrifícios, bastando um pouco de boa vontade e muito de vocação para o magistério, que faz acontecer as mudanças. As palavras do autor reforçam os resultados desta pesquisa, que apontam para influência das relações entre professor e aluno na aprendizagem do aluno. Percebe-se a importância da presença do afeto na relação professor e aluno, bem como, é possível identificar nas entrelinhas que a qualidade das relações, em uma sala de aula, deve ser fomentada pelo professor. Afinal, quem é o adulto na relação? Quem é o profissional? Quem é que deve criar condições para que a aprendizagem aconteça? Quando Chalita fala que basta um pouco de boa vontade e muito de vocação para o magistério, cabe uma pergunta que todo educador deveria se fazer: Estou fazendo diferença na vida dos meus alunos? Sou realmente um professor, um mestre? Ou sou apenas um transmissor de conteúdos, sem vida?

Durante a execução desta pesquisa, através das diferentes leituras realizadas, da bibliografia utilizada, e também da bibliografia lida, mas não aproveitada na pesquisa, muitos questionamentos ficaram evidentes e muitas respostas a antigas perguntas da autora do trabalho foram, aos poucos, sendo respondidas. É relevante fazer referência à importância do papel do educador no processo de ensino e aprendizagem. É fundamental perceber quanta diferença um bom professor pode fazer na vida dos alunos. Quanta surpresa ao descobrir na bibliografia, muitas percepções que julgava serem quase utópicas, sendo referendadas por diferentes autores. Acreditar no papel do professor, na qualidade que pode ser desenvolvida na educação, no respeito ao aluno, ao seu meio social, aos seus sonhos e desejos, é fundamental. Realizar mediações que auxiliem o

educando a tomar posse do conhecimento, proporcionar aulas interessantes, criativas, fazendo da sala de aula um local de fala e escuta, onde cada sujeito envolvido tenha o direito de expressar as suas opiniões, porém tendo o dever de respeitar as opiniões dos seus colegas e também do professor, é investir em cidadania, é acreditar na democracia.

Observa-se na prática do dia a dia professores sobrecarregados, desmotivados, em situação de estresse físico e emocional. A maioria do corpo docente das escolas cumpre uma dupla ou tripla jornada de trabalho, os professores enfrentam a indisciplina, o descaso e a ironia dos alunos. As queixas na sala dos professores são comuns. Tudo isso, aliado aos estudos realizados nesta pesquisa, instiga perguntas às quais não se tem a pretensão de responder aqui, mas, que muitas vezes, surgem em nossas mentes, e que seriam importantes tornarem-se públicas, e objeto de novos estudos. Quando a turma é muito indisciplinada, desinteressada, irônica ou apresenta outros comportamentos inadequados, a responsabilidade destas atitudes é somente dos próprios alunos, ou também é do professor? Ou seria de ambas as partes?

Voltemos nosso olhar para o educador. Ele é o responsável por gerir a sala de aula, ou melhor, a aula em si mesma. Como se dá a condução desta aula? Como são as relações que permeiam as ações entre educador e educando? Há espaço para o diálogo, perguntas, espaço de fala e escuta? As atividades são motivadoras, interessantes, desafiadoras? O professor percebe o aluno como um ser humano, inquieto, ansioso, com emoções e sentimentos variados? O professor procura entender a realidade social e familiar do aluno? Com tantas perguntas envolvendo o educador, parece fácil concluir que a responsabilidade pelo bom desempenho da aprendizagem dos alunos é do professor. Porém, seria incoerência da parte da autora, tão simplesmente sobrecarregar e responsabilizar o professor pelo sucesso ou fracasso escolar de seus alunos. Sabe-se que por melhor que seja o professor, sempre haverá alguns alunos que por motivos particulares, sejam eles familiares, físicos, psíquicos ou emocionais, não conseguem atingir os objetivos propostos pelo professor e pela escola. No entanto, mesmo com estes alunos, o verdadeiro professor, o mestre não deveria desanimar, nem omitir-se da sua responsabilidade. A partir dos resultados desta pesquisa, constata-se que é também, com estes alunos “difíceis” que o professor deve investir nas relações que permeiam todo processo de ensino e aprendizagem. Muitas vezes, são estes os alunos que desafiam o

professor, e tornam o mestre frágil, mas também forte, incentivando-o a superar-se diariamente.

Compreende-se que a tarefa do professor não é uma tarefa fácil, porém uma vez assumida, que o seja com dignidade. Espera-se que o professor seja valorizado pela sociedade em que está inserido, seja valorizado pelos seus alunos, pelos pais, pelo governo, pela sociedade. Espera-se que obtenha uma remuneração digna, que possa atualizar-se, tornar-se também um ser humano melhor, para que possa educar seus alunos para a vida, ampliar horizontes, ajuntar estrelas e devolvê-las ao mar, para que vivam e acreditem em si, no seu potencial, na sua capacidade, apesar dos entraves da vida, do dia a dia, do caminhar sobre pedras, que ferem os pés, coração, sentimentos, sonhos, desejos.

Educar é lançar desafios, é estimular para o novo, é despertar anseios e desejos. Trabalhar com os alunos para que estes percebam que na vida nada cai do céu, ninguém lhes dará nada, tudo o que desejarem ser, deverá ser construído. Quem eles serão, depende deles mesmos, da sua força na luta, da sua mente aberta, de seu desejo para alcançar algo.

Educar para a vida, para uma vida nova é o que cada um construirá de acordo com seu pensamento, com sua total adesão, partindo do princípio que os alunos compreendam que serão o que pretendem ser: hoje, fincar estacas, depois colocar tijolos, amanhã, janelas, portas, pintura. Sua casa será tão bonita, quanto o esforço que empreenderam na construção.

Assim, conviver com o aluno e educá-lo para que ele entenda que o seu futuro dependerá, sobretudo, de sua conquista individual, auxiliado por pessoas que estando em seu caminho o marquem positivamente, fazendo com que creia em si mesmo, alimentando esperanças, dando à luz aos seus desejos, ouvindo suas necessidades. Tecer o grande manto da vida, unindo laços, formando um todo, é papel do próprio sujeito, mas é inegável a importância das pessoas com as quais convive, entre elas, o professor. Ser verdadeiramente professor é um grande desafio.

Torna-se evidente que o assunto objeto desta pesquisa não está esgotado, não sendo esta também a pretensão da autora. No entanto, é fundamental ressaltar que os objetivos iniciais propostos nesta investigação alcançaram bons resultados, e também despertaram muitos outros questionamentos.

Deve-se ressaltar, com absoluta certeza, que as relações estabelecidas entre o professor e o aluno influenciam de maneira positiva ou negativa na aprendizagem significativa do aluno, dependendo da qualidade ou não das relações estabelecidas entre as partes, e no envolvimento de ambos na proposta pedagógica.

A relação professor e aluno é de fundamental importância, baseado no fato de que as relações interpessoais são o direcionador de todas as nossas ações e atitudes diante da vida. Desta forma, concluí que a afetividade tem grande influência na relação professor e aluno e que esta interfere no resultado do processo de aprendizagem.

As formas como os professores se relacionam com seus alunos e o ambiente criado é que vai direcionar a aprendizagem deste aluno. É a relação de escuta, confiança e aproximação que fará com que o aluno sinta prazer em estudar, em estar com este professor e o deixará apontar caminhos para a construção do conhecimento.

Este vínculo de confiança estabelecida é de extrema importância, pois é um grande facilitador do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, o educador sentir-se-á mais responsável e no compromisso com este aluno, não só nos aspectos educacionais, como também sociais. A partir desta relação o professor passará a não se sentir sozinho, e sim acolhido, auxiliando desta forma a superação das dificuldades, que facilitarão o aprendizado.

A afetividade é o combustível para a aprendizagem, daí a importância do professor olhar seu aluno de forma individual, perceber seus talentos, suas potencialidades e sua história de vida. Para isso acontecer é necessário o professor estar disposto a conhecer seus alunos em todos os aspectos.

É importante ressaltar também, que o carinho, o amor transmitido, não vai anular a autoridade do professor, pelo contrário, vai aproximar. Ao interagir com seus alunos, está ensinando experiências que serão essenciais para viver em sociedade e é nesta interação que a aprendizagem vai se tornar significativa e é o grande meio pelo qual se realiza o processo de ensino e aprendizagem.

Espero, com este trabalho, contribuir para a reflexão dos professores, tendo em vista que o questionamento é um dos passos em direção à melhoria da qualidade do ensino. Nessa perspectiva, concluo que é preciso continuar ou voltar a falar em afetividade, em emoção, em prazer, considerando que a escola é um lugar de convívio. É nas relações dos alunos entre si, dos professores, enfim, de todos

que fazem parte da comunidade escolar, que se constitui o direito de aprender e de ensinar e, como consequência, se tem a presença do direito de ser feliz.

Constata-se neste estudo, que o segredo do bom ensino está diretamente ligado ao entusiasmo pessoal do professor. A sua função aparece como sendo a de ensinar, contribuindo e fazendo com que seus alunos tenham paixão pelo que estão aprendendo. Ajudar os alunos a tomarem iniciativas e irem à busca de conhecimentos que lhes proporcionem a construção de um mundo mais humano e justo.

O professor deve interagir com seus alunos, procurar saber o que pensam e o que também gostariam de aprender, suas expectativas, os seus medos e ansiedades. O professor que não interage, não se sente motivado com a sua prática e com a sua vida pessoal, estabelece sentimentos negativos no processo e na relação com seu aluno.

Para os alunos, torna-se fundamental que os professores tratem bem a todos, não fazendo diferença entre uns e outros, pois eles demonstram desejo de serem respeitados na sua condição de aluno, considerando que aí existe uma pessoa.

Torna-se, também, importante lembrar que as relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização de mudanças em nível profissional e comportamental. Como se pode ignorar a importância de tal interação entre professores e alunos?

REFERÊNCIAS

BAQUERO, Ricardo. **Vygostky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1996.

CHALITA, Gabriel. **Educação. A solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Pesquisa e prática profissional instrumentos de investigação**. Curitiba: IBPEX, 2006.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FARFUS, Daniele. **Gestão escolar: teoria e prática na sociedade globalizada**. Curitiba: IBPEX, 2008.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. **Os idiomas do aprendente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FUNDAMENTAL, Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Volume 1, Brasília: MEC/SEF: 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Volume 2, Brasília: MEC/SEF: 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo; Atlas, 1991.

L A TAILLE, Yves. OLIVEIRA, Marta Kohl. DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygostky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

MATURANA, Romicim Humberto e Verden – Zöller. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia.** São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA, R. Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

NOVA Escola – Grandes Pensadores. Edição Especial, nº 19. São Paulo: Editora Abril, 2008.

QUINTANA, Mário. **Amizade.** Disponível em: <<http://www.frases.mesnagens.nom.br/pensamentoslalamizadas>> acesso em 26 out, 2010.

REGO, Teresa Cristina. **Vygostky uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e AFETIVIDADE DA CRIANÇA NA TEORIA DE PIAGET.** São Paulo: Pioneira, 1997.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1999.